SE ESSE PATRIMÔNIO fosse meu

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E PERTENCIMENTO

Guia de reflexões, relatos de experiências e proposições em Educação para o Patrimônio

TEXTOS

Eveline Xavier e Raissa Faria

CONCEPÇÃO

Eveline Xavier, Mila Barone, Jéssica Kawaguiski e Raissa Faria

IDENTIDADE VISUAL

Mila Barone

DIAGRAMAÇÃO

Léo Ruas

REVISÃO

Juliana Campos

Ministério do Turismo apresenta: Educação Patrimonial Participativa

Patrocínio: VLI

Realização: AIC

Lei de Incentivo à CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Este material é um compilado de reflexões, relatos de experiências e proposições em Educação para o Patrimônio reunidos a partir das vivências do projeto Educação Patrimonial Participativa, realizado remotamente em 2021, como parte do programa Conexão Comunidade.

Aqui você vai encontrar uma perspectiva emancipatória de educação para o patrimônio como caminho de promoção da auto investigação e da autonomia dos estudantes em seus percursos reflexivos.

Além disso, você encontra proposições metodológicas e de atividades práticas para a sala de aula, além do relato de experiências de educadores e educadoras de escolas públicas que empreenderam projetos de educação para o patrimônio em seus territórios.

O Projeto Educação Patrimonial Participativa número de Pronac: 193894 é executado pela Agência de Iniciativas Cidadãs, patrocinado pela VLI e realizado com recursos da Lei de Incentivo à Cultura da Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

Convencionalmente aprendemos que patrimônio cultural é um conceito limitado apenas a designar os bens materiais e imateriais tombados ou registrados como símbolos das sociedades, como o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, o Cristo Redentor, as Pirâmides de Gisé, a Culinária Mexicana, e daqui a gente pode criar um sem-número de listas completamente diversas enumerando outros bens. Mas é bastante provável que você tenha uma sala cheia de alunos que não comam tacos no almoço, nunca viram o Cristo Redentor de perto, ainda menos uma pirâmide, e prefiram escutar K-pop, Paredão ou gospel e jogar Minecraft e Fortnite. Qual o sentido, então, de conversar com eles sobre patrimônio?

Na definição do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, **patrimônio cultural** é um conjunto de "manifestações, realizações e representações de um povo" e está presente na forma como falamos, nos nossos costumes e brincadeiras, nas músicas que cantamos, nos livros que lemos e nas festas que participamos. Ou seja, patrimônio cultural é aquilo que nos constitui enquanto sujeitos em comunidades partilhadas. É formado por nossa identidade, nossos territórios e nossas memórias.

Não dá para mensurar a potência de ter espaço e tempo de qualidade para pensar sobre nós mesmos, onde vivemos e de onde viemos. Uma educação patrimonial fundamentada nas experiências relacionais dos alunos com seus lugares e com as comunidades que

os cercam é de suma importância para que eles tenham o direito de se conhecerem e se reconhecerem ou não nas representações que já estão colocadas socialmente. É igualmente relevante para que eles tenham o direito de conhecer sua história por suas próprias buscas, de serem capazes de narrá-la, de falarem sobre si sem medo e de ressignificarem as representações já colocadas.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL SEGUNDO O IPHAN

Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca, estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então trata-se de Educação para o Patrimônio. A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural[1].

1 Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343. Acesso em 19 de fevereiro de 2021.

ENTÃO, POR ONDE COMEÇAR ESTA CONVERSA?

Esses símbolos tombados ou registrados que mencionamos no início são o topo do morro, para chegar lá foi preciso entender como as sociedades surgiram e se organizaram nos lugares ao longo do tempo projetando o legado que deixariam para quem viesse depois.

Patrimônio não é coisa do passado, não se trata apenas de um símbolo estático de uma cultura, não é algo que parou no tempo. Também não é assunto apenas das aulas de artes, história e geografia. A cultura é agente criador e significante de todas as dimensões da vida das pessoas e de suas comunidades sejam elas físicas, digitais ou híbridas. Assim, a **educação patrimonial é o meio para investigação e valorização de si mesmo, do território de pertença e de tudo que é criado a partir dali.** É o caminho pelo qual nós e nossos alunos podemos nos empoderar da criação e narração de nossas próprias histórias.

As sociedades são anteriores, posteriores, identificadas com e ao mesmo tempo atravessadoras desses símbolos. Eles são essenciais para que não percamos de vista de onde viemos e para onde caminhamos. São importantes para entendermos os trajetos que escolhemos nesse percurso entre o ontem e o amanhã e por que caminhamos da maneira como caminhamos, o que vamos levar à frente e o que deixamos para trás.

IDEIAS PARA NÃO PERDER DE VISTA

A escola é o espaço em que todos os conflitos, descobertas, vulnerabilidades e progressões dos estudantes desaguam, essa é mais uma forte demonstração de como a cultura é elemento transversal às experiências de todas as pessoas e não há razão para tratar desse assunto de maneira compartimentalizada e deslocada das realidades dos sujeitos. Por esse motivo também, acreditamos que trabalhar uma educação patrimonial que parta de leituras das realidades dos estudantes é mais efetivo e fará ainda mais sentido com o envolvimento de toda a comunidade escolar no processo. Por isso, gostaríamos de trazer dois conceitos e não perdê-los de vista neste trabalho.

COMUNIDADES PARTICIPATIVAS

Envolver no processo formativo a comunidade que é detentora e produtora das referências culturais locais é fundamental. É importante mapear, dentro da própria comunidade escolar, pessoas que possam compartilhar com os estudantes informações e vivências dessas práticas, um estudante que seja capoeirista, uma avó que seja bordadeira, um funcionário da escola que faça parte de um grupo cultural, por exemplo. Além disso, claro, mapear outros grupos e produtores culturais da cidade que possam ter esse diálogo com os estudantes. Envolver essas pessoas de maneira que compartilhem suas experiências é um caminho importantíssimo para a construção coletiva desse

inventário das referências culturais locais e para a valorização da diversidade cultural e o fortalecimento da identidade local.

TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

A rua de baixo pode ajudar a explicar a história da cidade, a capoeira da praça conta um pouco da formação do país, a biblioteca amplia o repertório e o museu ajuda a repensar a relação com os espaços e as possibilidades de ocupação e vivência dos estudantes nesses lugares. Olhar para o bairro e para a cidade em toda sua potência educativa é fundamental.

> "...partir das referências culturais locais para, por meio delas, acessar processos sociais e culturais mais amplos e abrangentes, em um registro no qual cada sujeito, a partir de seu repertório de referências, possa compreender e refletir, tanto sobre contextos inclusivos quanto sobre a diversidade cultural que o cerca" (IPHAN, 2014, p. 27).

Os espaços públicos e comunitários precisam ser potencializados como agentes formativos que são. Há muito já entendemos que a instituição escolar não é o único agente educativo na vida dos estudantes. É preciso articular essas outras dimensões sociais da família, da cidade e dos agentes culturais de forma transdisciplinar para promover a formação integral.

DESANUVIANDO ALGUNS CONCEITOS

REFERÊNCIAS CULTURAIS

São os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores coletivamente e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social. São os elementos da vida que aquele grupo, naquele território, identifica como importantes e compartilhados.

INVENTÁRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS

É uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo Iphan para produzir conhecimento sobre as referências culturais dos territórios. Consiste em um mapeamento inicial feito de forma colaborativa com detentores e produtores culturais de territórios específicos, para a criação da lista de bens culturais importantes para aquele local. É um passo inicial no processo de oficialização de determinadas manifestações culturais de um lugar como patrimônios registrados ou tombados.

PATRIMÔNIOS CULTURAIS

Os patrimônios culturais materiais são monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos, de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito

àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam nos saberes, ofícios e modos de fazer; nas celebrações; nas formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares. O registro é o instrumento legal que reconhece, valoriza e fomenta a preservação dos patrimônios imateriais; o tombamento é o instrumento que faz o mesmo pelo bens materiais. É muito importante lembrar, entretanto, que essa é uma divisão conceitual, mas que na prática as dimensões materiais e imateriais dos patrimônios estão sempre muito interligadas.

PATRIMÔNIO CULTURAL: UMA UMBIGADA[2] DE TRÊS

Propomos, portanto, uma educação patrimonial que parta de uma investigação da nossa vida de todo dia. Para isso, consideramos que patrimônio cultural é fruto de uma umbigada entre três palavras (e seus significados) que constituem todo e qualquer sujeito deste mundo: memória, território e identidade.

MEMÓRIA

Como e quanto as memórias que nos rodeiam fazem da gente quem a gente é?

Como a memória do país, da nossa cidade nos constitui? Como as memórias dos mais velhos com quem a gente cresceu, dos nossos antepassados e comunidade nos integram?

Agora tente lembrar aí quem foi o melhor contador de histórias que você conheceu e como ele tecia os relatos e, por vezes, os repetia na esperança de que eles ficassem guardados nos ouvidos das outras pessoas.

Toda memória é uma narrativa, uma contação. Ela acontece no presente, numa tentativa do narrador de costurar experiências e registros do passado de uma maneira que faça sentido hoje e aponte

2 Umbigada é um modo de dançar presente em boa parte das expressões de raiz afro-brasileira. É herança dos tempos de quilombo. Trata-se dos movimentos de aproximação e afastamento entre os quadris e os ventres dos dançadores que se encontram no centro da roda. Ela pode ser observada na prática tradicional que leva o mesmo nome, no samba de roda, no jongo, no samba de coco e em tantas outras.

um caminho para o futuro. Dessa maneira, os contadores das histórias escolhem quais elementos farão parte da narração e quais elementos vão ficar de lado. Ou seja, quem narra as histórias, intencionalmente, seleciona o que entra no registro e o que fica de fora sob o risco do esquecimento.

Para conversarmos com nossos alunos sobre o patrimônio cultural, nós precisamos admitir que não existe uma memória única, ou que a história contada em registros oficiais não é absoluta, nem neutra, e é uma versão de como as coisas aconteceram. É impossível que a diversidade das experiências carregadas pelos povos que aqui se encontraram e se encontram, e transmitidas através das gerações esteja representada na história oficial, sobretudo se considerarmos que a diversidade das pessoas que narraram a história oficial ao longo do tempo foi sempre menor que a dos povos que não puderam contar suas versões.

Olhando para as memórias de sua família e das famílias de seus alunos, de seus antepassados, de suas comunidades, quais elementos dessas memórias encontraram um lugar nas narrativas oficiais e quais foram deixados de lado?

Pensar o que as memórias contadas pelos patrimônios dos diversos territórios têm em comum com os nossos contextos e os contextos dos nossos alunos ajuda a entender os vínculos que temos com esses patrimônios e como eles, de fato, nos representam.

Essa reflexão também é um movimento de retomada e registro das memórias, ou das versões da história que estão constantemente sob o risco de serem apagadas.

TERRITÓRIO

Quais saberes e fazeres da sua família e comunidade, transmitidos ao longo das gerações, têm relação direta com características específicas dos lugares onde vocês estão, estiveram, se criaram?

Os patrimônios estão diretamente associados aos lugares, eles representam as relações construídas não apenas entre as pessoas sobre aquele solo, mas com o próprio espaço. O geógrafo Milton Santos defendeu que o território usado é "o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência" (SANTOS, 1999, p. 7). É impossível apontar onde começa a natureza das comunidades e de seus sujeitos e onde termina a natureza do lugar, "não há uma formação social que também não seja espacial" (QUEIROZ, 2014, p. 156).

Portanto, a relação de mutualidade que as pessoas de uma comunidade têm com o lugar, com a terra, com aquele espaço, muitas vezes, é o que dá o tom a essas relações cotidianas e que vão migrando na forma de acúmulo de experiência e conhecimento de uma

geração a outra, é o que chamamos de cultura. E essa é a matéria por meio da qual o povo se reconhece.

Levando isso em conta, é importante trazer para a equação o fato de que também somos todos forasteiros. A história da humanidade é marcada por migrações e por traslados forçados, por isso permeada encruzilhadas e cruzos. É nessas zonas de fronteira que as novas culturas eclodem da recriação das anteriores, tamanha é a potência das experiências que trazemos dos lugares onde vivemos e que se reinscrevem em nós na forma de memória, esta agora transformada pela experiência com o lugar onde estamos no presente.

Não dá para conversar sobre patrimônio cultural de maneira efetiva sem assumir esse entendimento ampliado de cultura e sem abrir mão um pouco daquele outro, que hierarquiza as expressões dos povos entre mais e menos importantes, mais e menos ricas e que descola as experiências estéticas, artísticas e criativas do contexto de onde elas vêm. Entendendo aqui também contexto como essa costura entre território e memórias.

Conversar com os alunos sobre o patrimônio cultural local pode apontar caminhos para que eles redescubram o território. Aqui deixamos mais uma pergunta: **de que forma o patrimônio cultural pode nos ajudar a entender como o território também nos cria?**

IDENTIDADE

Nossos alunos conseguem contar sobre si mesmos? E eles conseguem fazer isso a partir dos patrimônios culturais locais? Como eles se percebem na relação com esses patrimônios? Quais são as diferenças e quais são as identificações?

A identidade é sempre um exercício de relação, uma construção social resultante de um estranhamento nosso sobre nossa presença no mundo em relação a um outro. Sem o outro, sem a diferença, não existe identidade. Se o patrimônio é representação e símbolo da diversidade de identidades, ele, portanto, também é marca da diferença.

Uma educação patrimonial que parta de uma investigação sobre a identidade é um exercício de percepção da costura que o próprio sujeito realiza entre as memórias que o constituem e os lugares que ele habitou e habita. Ao mesmo tempo, é um trabalho de estranhar, organizar e ressignificar seu próprio mural simbólico, entender o que de fato lhe representa. Como esse exercício só pode ser feito em relação / comparação com as diversidades, é necessário ampliar o olhar constantemente e desafiá-lo, tensionar as hierarquias entre o que está definido como "eu" e como "outro" nas sociedades e, para isso, acolher as diversidades sem silenciar as contradições, os dissensos e as controvérsias.

Conversar sobre patrimônio com nossos alunos a partir das noções de identidade e diferença pode ser um meio efetivo para que eles

encontrem um lugar nessas representações que foram eleitas símbolos das sociedades, as ressignifiquem ou as transfornem. É também permitir que, a partir das investigações sobre si mesmos, eles encontrem espontaneamente esse lugar, ou criem seus espaços no referencial guardado nos símbolos, ao invés de impor-lhes compromissos arbitrariamente com as representações que estão dadas.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM PROCESSO: COMO FAZER

CAMINHO DE INVESTIGAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

O IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que já citamos anteriormente neste material, é uma autarquia federal (ou seja, autogovernada) vinculada ao Ministério do Turismo. Ele foi fundado oficialmente em 1937 e, desde então, atua na preservação e conservação do patrimônio de cunho histórico, artístico e paisagístico no Brasil.

Resultado de uma série de experiências no trabalho com comunidades em todo o território nacional, o instituto sugere um percurso básico de que nos apropriamos para guiar esse processo desafiador da educação patrimonial nas escolas. Nós o chamamos de **Caminho de Investigação do Patrimônio Cultural**. Esse percurso deve funcionar como uma bússola, apontando direções ao longo do trabalho. Assim como as culturas e suas representações, esse percurso não é estático nem seu formato é definitivo, antes é mais uma espécie de fluxo, fluido, totalmente passível de adaptações de acordo com cada contexto, situação e objetivo de aprendizagem. Enquanto fluxo, nem sempre ele acontece de maneira linear na e muitos de seus elementos são transversais a todo processo. Contudo, estão aí sinalizados para nos ajudar a observar movimentos importantes que precisamos fazer nas formações com os estudantes sobre cultura e patrimônio.

CAMINHO DE INVESTIGAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

1. MAPEAMENTO (OU OBSERVAÇÃO)

É um trabalho de levantamento que ajuda a visualizar e a entender como determinados elementos estão organizados num determinado espaço. Não estamos falando de ações de levantamento que se limitam apenas em descrever o espaço físico, concreto, geográfico, mas que promovam descobertas e reflitam sobre os usos, as experiências das pessoas e das comunidades.

Para essas ações de mapeamento, podem ser feitas perguntas sobre os estudantes, sobre suas histórias, suas memórias, suas relações com o território, ou seja, olhar novamente para o cotidiano com lentes investigativas e curiosas. Identificar o que já existe latente ali e o que as pessoas envolvidas no processo vão entendendo como elementos importantes, que as instigam, que chamam a sua atenção, que as afetam.

ATIVIDADE SUGERIDA

MAPA AFETIVO:

O Mapa Afetivo, diferentemente das cartografias convencionais, está mais comprometido com a representação que as pessoas envolvidas farão das suas relações com o espaço, seu modo de olhar para um determinado contexto e as respostas que elas conseguem dar para as perguntas disparadoras do levantamento.

Mapas Afetivos podem ser feitos individualmente e terminarem por aí, ou podem ser feitos individualmente e reunidos depois num grande mapa, ou ainda, serem feitos em grupos. Quanto mais colaborativa for sua concepção e criação, mais rico ele será. Juntos, os estudantes podem encontrar e enumerar mais elementos e as negociações que resultam dos estranhamentos que a experiência de cada um traz ampliam as descobertas dos outros sobre o próprio território.

SUGESTÕES DE MATERIAIS: folhas de papel a4, lápis de escrever, borrachas, canetas poscas ou canetinhas, caixas de giz de cera pastel oleoso, 2 pedaços de americano cru ou outra superfície para a criação do mapa, retalhos de tecidos coloridos, barbante colorido, cola branca, pincel, cola quente e pistola, verniz spray fixador acrilex fosco (para garantir a fixação do trabalho por mais tempo), mapas diversos para serem apresentados como exemplos para os alunos.

METODOLOGIA:

1) **Conhecendo mapas diversos:** explicar sobre diversos tipos de mapas, incluindo aqueles que não são apenas geográficos e trazem referências afetivas. Pesquisar por "mapas afetivos", em seu navegador, essa prática tem sido cada vez mais acionada e explorada em processos de mediação. Uma referência bacana são os Atlas Subjetivos da Annelys de Vet: *https://issuu.com/annelys*

2) **Desenho individual:** lançar uma pergunta disparadora definindo quais espaços serão mapeados, por exemplo "O que tem no meu caminho de casa até a escola?". Na sequência, determinar junto com o grupo o assunto do mapa. Mapas são criados com objetivos bem definidos, há mapas hidrográficos, mapas do relevo, dos tipos de vegetação, entre outros. É essencial definir antes o que será mapeado: serão expressões da cultura local encontradas no espaço anteriormente delimitado; os moradores mais antigos do bairro; as casas mais antigas do bairro; as lendas; os locais onde ocorrem as festas juninas; as árvores frutíferas ou os tipos de planta que reconhecem; os lugares de que mais gostam ou que trazem as melhores lembranças... Enfim, os temas podem ser diversos. Pode ser um mapa só de casas, só de árvores, só de festejos, ou de tudo isso junto. Definido o assunto, pedir aos participantes que

representem personagens, cheiros, barulhos, pessoas, elementos naturais, ou grupos culturais associados aos lugares.

Os estudantes, individualmente, terão 15 minutos para essa ilustração com lápis de escrever e depois em roda discutirão sobre os elementos em comum que apareceram nos diferentes mapas. A proposta aqui é fazer uma ilustração mais rápida que posteriormente poderá ser finalizada com cores e detalhes.

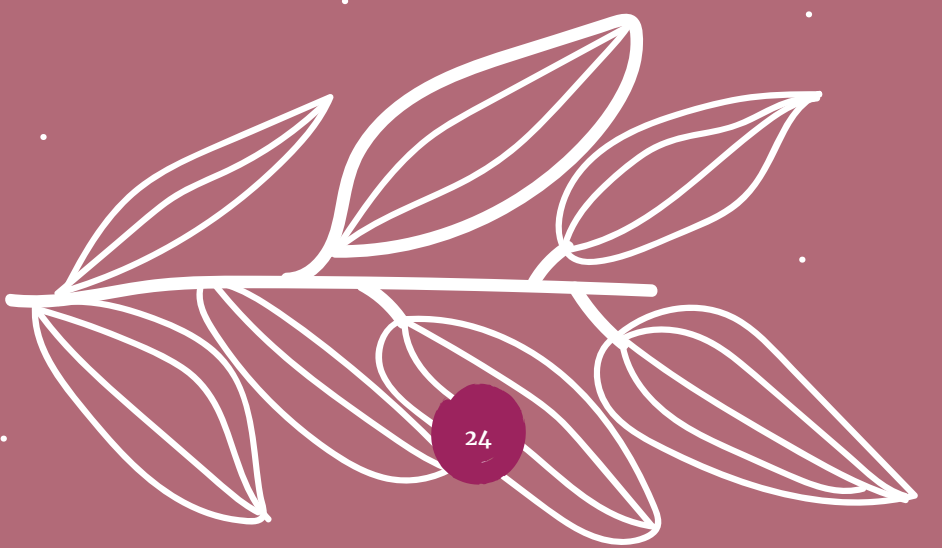
3) **Criação coletiva do mapa:** definidos os lugares e outros elementos que entrarão no mapa, para orientar o posicionamento das ilustrações, os alunos começarão a atividade marcando com post-it, ou com um papel de rascunho, o que será colocado em cada local

da superfície escolhida. Em seguida, os elementos ilustrados individualmente serão transferidos para essa superfície e o grupo seguirá acrescentando mais detalhes que julgar necessários.

4) **Após a criação do mapa**, poderá ser promovida uma roda de conversa com algumas perguntas disparadoras, como:

• Vocês descobriram coisas novas sobre a cidade ou a região que não sabiam antes?

• Entre as coisas que mapeamos, vocês consideram algumas (ou todas) importantes e valiosas para ajudar a dizer quem vocês são e a contar as histórias de vocês? Será que podemos chamá-las de patrimônios culturais?



CICILÂNDIA
MANGA
PEQUI
LARANJA
CAJU
PEQUI
Escola MARGARIDA
ACEROLA
ACEROLA
CAJU
CURRAL
MASÃ
JABUTICABA
ACEROLA
MANGA
COIABA
CAJU
TATU
LARANIA
MANGA
DEUS
AZEITONA
BANANA
JABUTICABA
CAJU
5º ANO
ACEROLA
COCO

O QUE OUTROS PROFESSORES ANDAM FAZENDO:

PATRIMÔNIOS ENCAIXOTADOS

Durante a pandemia, o professor de artes baiano Natalino Soares desenvolveu com seus alunos do 6º ano, da Escola Municipal Papa Paulo VI, o projeto **Patrimônios Encaixotados**. Dado o contexto de ensino remoto como medida de contenção da transmissão de Covid-19, Natalino utilizou canais digitais para incentivar e mediar um exercício de mapeamento dos patrimônios já tombados e registrados na cidade, mas também dos espaços de cultura e daqueles importantes, segundo os próprios alunos, para contar as histórias das comunidades em que eles vivem.

O professor lançou mão do WhatsApp e do Google Sala de Aula para trazer referências e passar orientações aos alunos, que fizeram pesquisas sobre os espaços em site oficiais, além de uma verdadeira investigação pela cidade por meio do Google Earth e do Google Street View. Importante pontuar que todo esse trabalho online foi constantemente atravessado pelos desafios próprios da dificuldade dos alunos de acesso a dispositivos eletrônicos e de conexão de internet, o que resultou num projeto com prazos constantemente recombinados e estendidos. A investigação offline iniciada pelos alunos também manteve a turma engajada e a família envolvida na execução das tarefas.

O grupo fez fotos e tirou prints dos espaços de destaque, que foram organizados em um portfólio no Padlet,[3] plataforma de hospedagem de conteúdo gratuita, aberta e colaborativa. Mas não parou por aí, o objetivo era, a partir das fotos e dos prints, reproduzir esses espaços de maneira tridimensional dentro de caixas, uma produção artística que ficou ali entre maquete e projeto arquitetônico. Os alunos utilizaram materiais recicláveis que encontraram em casa e contaram até com a contribuição de parentes e de vizinhos para construírem seus patrimônios encaixotados inspirados pelas imagens dos espaços de cultura.

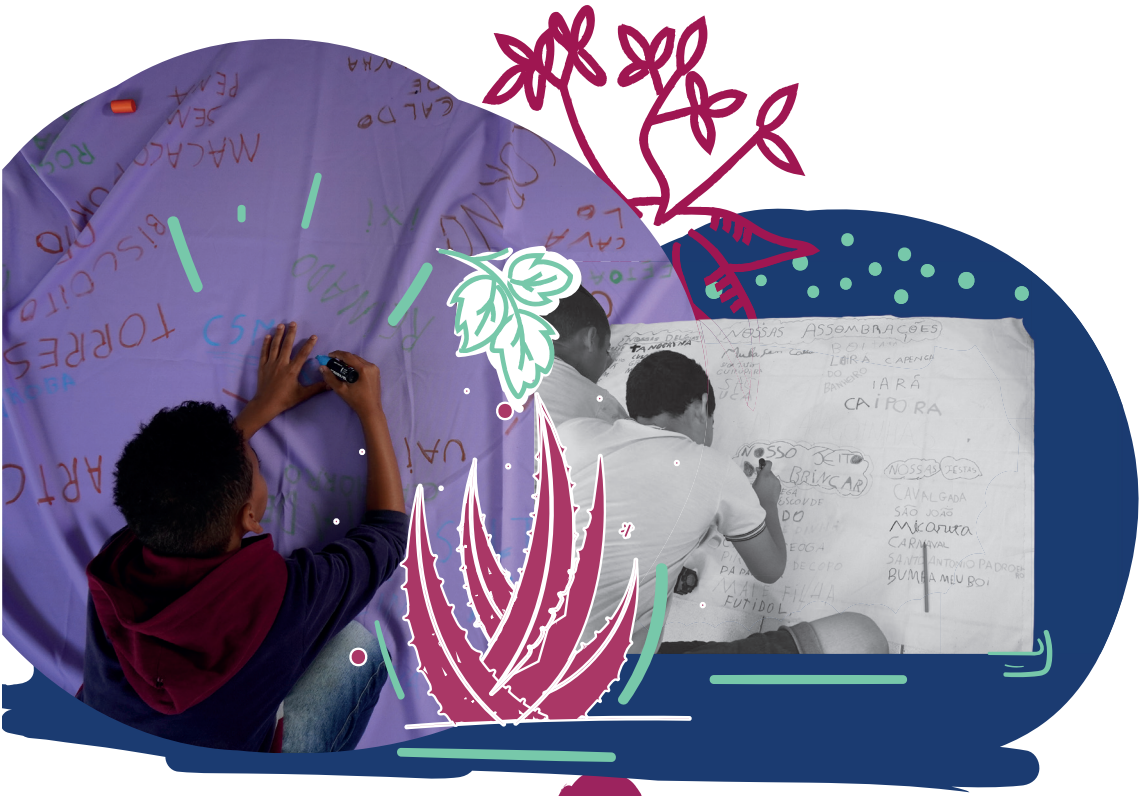
A previsão é de que, com o retorno das aulas presenciais, essas criações sejam reunidas em uma grande exposição aberta à comunidade escolar.

3 Conheça a plataforma gratuita disponível em: https://pt-br.padlet.com/

OUTRAS ATIVIDADES DE MAPEAMENTO:

• MAPA DE PALAVRAS

Seguindo a mesma metodologia de levantamento para o Mapa Afetivo, podemos criar um Mapa de Palavras representativo do lugar onde vivemos. Pode ser um mapa de gírias, um mapa com nome das frutas e comidas típicas dali, um mapa com nome das plantas que são encontradas nas hortas e quintais, um mapa com expressões culturais e festejos tradicionais locais, ou ainda um mapa com nome de pessoas importantes para a história dos alunos e da comunidade.



• DERIVA

Deriva, bem ao pé da letra, significa desvio de rota. A deriva como exercício de mapeamento é uma proposição que foca no reconhecimento e nas descobertas sobre elementos dos lugares. Quando você tem uma rota a cumprir, o objetivo é ir direto do ponto de partida ao ponto de chegada no menor tempo possível, com isso, há poucas oportunidades de apreciar e estranhar os espaços. Na contramão, a deriva está comprometida apenas com a observação. No entanto, nesse exercício é importante ter alguns comandos: você pode propor uma deriva de ilustração de elementos do espaço, uma deriva fotográfica, ou uma deriva sonora. Por exemplo, peça que os alunos

listem quais sons mais escutam no caminho de casa até a escola; quais cores mais veem; uma construção que nunca haviam reparado, ou uma árvore ou planta que chamou mais atenção; qual a morada mais antiga e qual é a mais nova; quais texturas conseguem identificar; se existe algum espaço cultural no caminho (no sentido amplo, pode ser um museu, uma escola de dança, mas pode também ser a casa de uma benzedeira, de uma doceira, uma igreja ou um terreiro).

ALGUMAS REFERÊNCIAS:

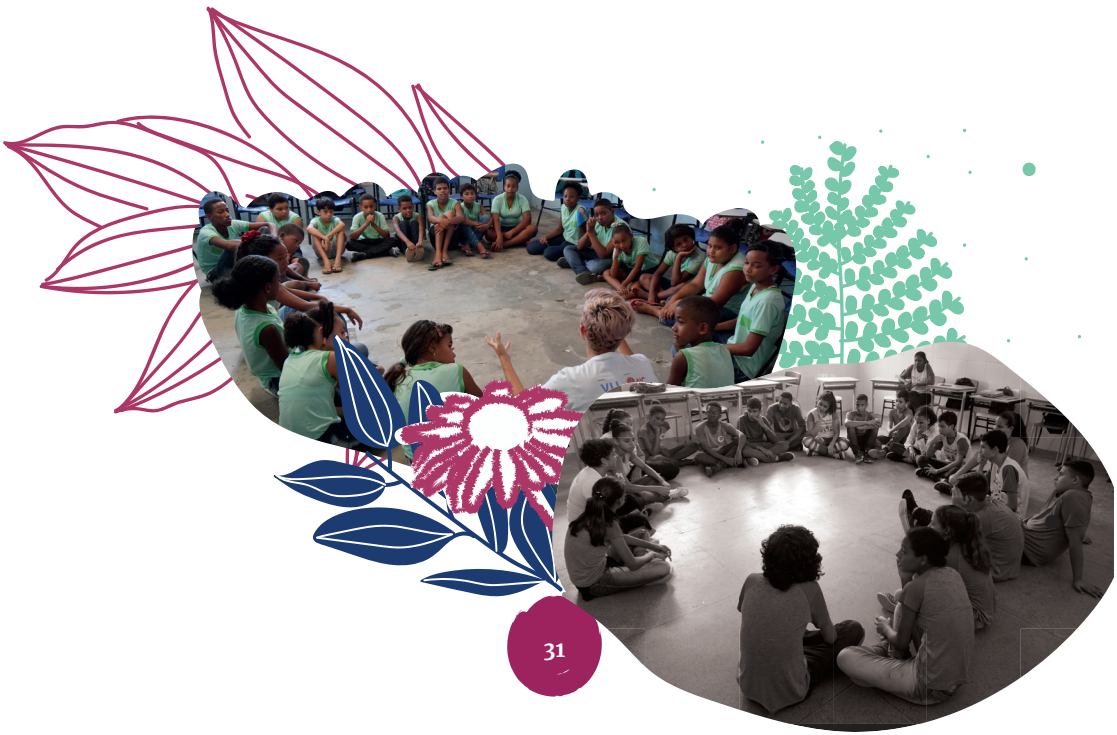
—CONEXÃO COMUNIDADE. Desenho com Janela Mágica. Disponível em: https://conexaocomunidade.org.br/material-escola/desenho-com-janela-magica/. Acesso em: 6 dez. 2021.

—CONEXÃO COMUNIDADE. Fotografia com Janela Mágica. Disponível em: https://conexaocomunidade.org.br/material-escola/fotografia-com-janela-magica/. Acesso em: 6 dez. 2021.

• RODAS DE HISTÓRIAS

As rodas de histórias podem ser organizadas com objetivos diversos, uma finalidade interessante aqui pode ser a de compartilhamento de linhas do tempo pessoais. Peça aos alunos um Para Casa em que, juntamente com as pessoas que vivem na mesma moradia, eles construam uma linha do tempo que conte a relação de suas famílias

com o lugar onde moram, e se não vivem ali há muito tempo, podem contar sobre os lugares por onde passaram até chegar àquele local. A roda de histórias será o momento de partilha dos relatos colhidos com as linhas do tempo. Os estudantes podem criar uma linha do tempo num papel ou cartaz, com representações visuais dos marcos importantes dos relatos. Depois do compartilhamento em roda, as linhas do tempo podem ser afixadas nas diversas paredes da sala de aula e os alunos podem ligar os pontos semelhantes das linhas do tempo, por meio de barbantes, formando uma grande "teia de histórias" e se assentarem (ou, por que não, se deitarem) sob a teia para observá-la.



2. REGISTRO

Este é o momento para trazer concretude às descobertas, às reflexões e às questões que emergiram do trabalho de mapeamento. O registro das descobertas do mapeamento de forma material e visível torna mais eficaz o exercício de síntese a respeito do que se descobriu, ajuda a fixar bem para lembrar e compartilhar depois, aprofunda esse estranhamento sobre o cotidiano e o entorno que vão favorecer um sentimento de pertença e valorização identitária.

Nesta fase, estamos falando de atividades que busquem captar os detalhes do que foi colhido no levantamento e ainda trazer essa camada de criação estética / artística como vazão da interpretação dos estudantes resultado das perguntas e investigações que surgiram no mapeamento.

O próprio Mapa Afetivo opera esse registro, mas trazemos aqui outra proposta.

ATIVIDADE SUGERIDA

CRIAÇÃO DE CARTÕES POSTAIS COM TÉCNICA DE RECORTE E COLAGEM

Por meio dessa criação, os estudantes podem ilustrar paisagens importantes e afetivas para eles do território, expressões culturais, cenas cotidianas, fazeres tradicionais e saberes dali. A ideia é que o material apresente a ilustração na frente e, como o postal tradicional, conte com uma descrição no verso elaborada pelo mesmo aluno, trazendo mais detalhes sobre o assunto ilustrado.

SUGESTÕES DE MATERIAIS: lápis, borracha, papel branco 250g (pode ser cartão ou AP), retalhos de papéis coloridos, tesouras, cola branca líquida, pincéis para colar imagens maiores, canetas hidrográficas pretas 1,0 mm.

METODOLOGIA:

1) **Apresentamos um pouco sobre a história do cartão postal**, o formato e para que é utilizado. É legal mostrar postais da própria cidade se existirem, ou de algum outro município próximo que os alunos conheçam mais. Daí, convidamos os estudantes a voltarem nos elementos levantados na fase de mapeamento e a escolherem entre esses elementos o que mais lhes chamou a atenção e que gostariam de contar para pessoas que vivem em outros lugares.

2) **Cada estudante deverá definir até 2 elementos** que irá trabalhar em seus cartões postais.

3) **Apresentamos alguns exemplos de criação visual** utilizando a técnica da colagem. Você pode acionar essas referências na aula[4].

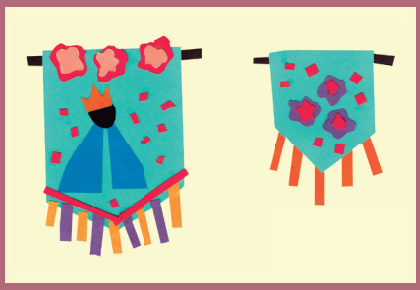
4) **Por meio da técnica de colagem**, os estudantes devem criar 2 cartões postais, com a temática definida anteriormente.

5) **Após a criação das ilustrações**, cada estudante deve escrever um pequeno texto contando sobre o tema do postal. Essa escrita pode ser mais descritiva ou mais poética. O texto virá na parte do verso do postal. É importante respeitar a linguagem e o modo do aluno organizar sua escrita nesse momento, o professor será sempre figura mediadora importantíssima, mas devem ser evitadas intervenções que tentem modular ou formatar a interpretação e a expressão dos alunos.

---

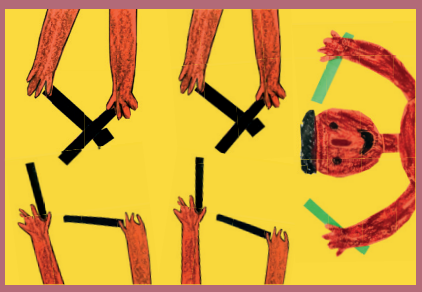
4 Disponível em: https://conexaocomunidade.org.br/material-escola/colagemcom-formas-geometricas/

TAMBÚ E
CANDONGUEIRO



BETS

DANÇA DO PARAFUSO



ACARAJÉ
BEIJU

O QUE OUTROS PROFESSORES ANDAM FAZENDO:

SÃO JOÃO DIGITAL

Juliana Alves é professora de educação física do Fundamental 2 na Escola Municipal Zizinha Ribeiro, em Montes Claros | MG. Ela e sua família mantêm uma relação longa e profunda com as festividades juninas, celebradas no país inteiro de maneiras muito diversas em cada território.

Mas ela percebeu que a celebração andava meio esquecida entre as gerações de seus alunos, então promoveu gincana com uma série de atividades investigativas sobre a relação que os estudantes ainda mantinham com a celebração. A partir dessa primeira fase de levantamento, eles partiram para a segunda fase, uma investigação da relação histórica de suas famílias e do bairro com as festas de São João, explorando os modos dos parentes e das comunidades contribuírem na organização das festas ao longo do tempo: como eram dançadas as quadrilhas, quais eram as receitas típicas e decorações que os mais velhos costumavam fazer. Essas atividades eram concluídas com um momento de comparação das informações levantadas nas duas fases.

Terminada a investigação, como exercício de registro, alunos e seus familiares deveriam organizar uma decoração junina em casa e gravar um vídeo registrando a feitura de uma comida típica da festança.

Um trabalho de investigação mais tímido já havia sido realizado nos anos anteriores à pandemia com algumas turmas, mas os exercícios de registro aconteceram durante a fase remota de ensino, o que permitiu que os vídeos das famílias apresentando suas decorações e modos particulares e tradicionais de executar as receitas circulassem nos aplicativos de mensagem fortalecendo o registro e a transmissão dos saberes e, ao mesmo tempo, formando um grande São João digital.

OUTRAS ATIVIDADES DE REGISTRO

• SÉRIES FOTOGRÁFICAS

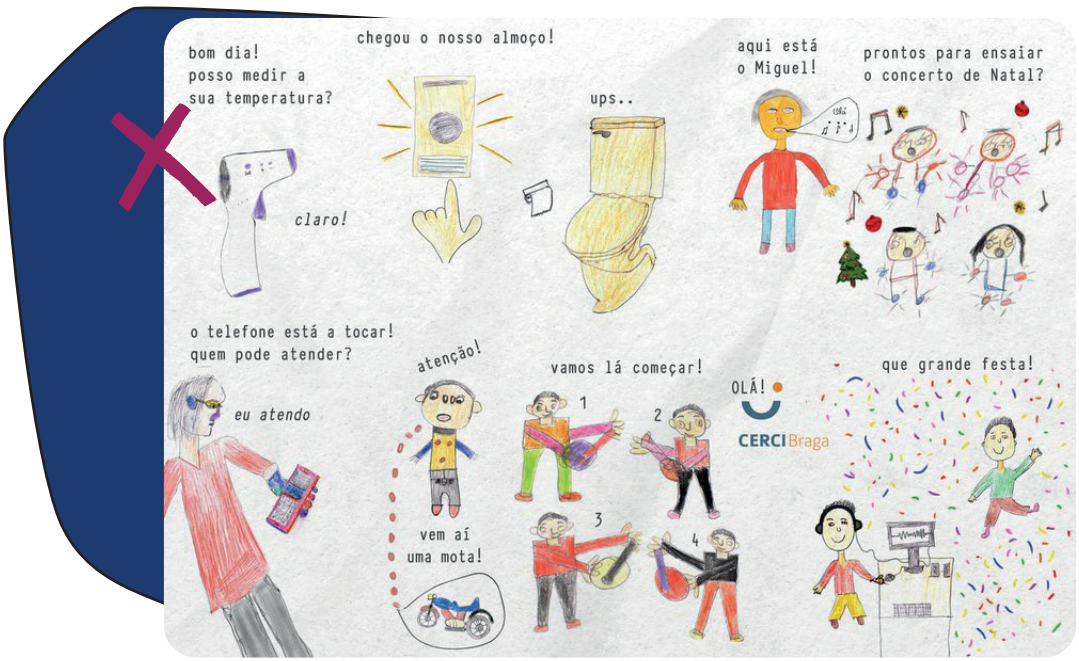
Uma possibilidade muito interessante de atividade de registro é o exercício de criação de séries fotográficas sobre os elementos já mapeados que fujam do convencional. Se os elementos são objetos, paisagens ou construções, os alunos podem fazer séries fotográficas registrando as características que mais lhes chamam a atenção nesses elementos: texturas, padronagens, cores, marcas da passagem do tempo, a parte mais alta ou a parte mais baixa, algo que demonstre como aquele elemento é próprio ou resultado daquele território. Se os assuntos mapeados envolverem pessoas, podem ser feitas séries de retratos dessas pessoas segurando objetos afetivos e que demonstrem sua relação histórica com aquela comunidade, com aquele território ou com seu fazer cultural de tradição.

Uma referência legal é o trabalho de fotoperformance popular do artista Alex Oliveira: https://www.premiopipa.com/alex-oliveira/

• CRIAÇÕES SONORAS

Como ação de registro do mapeamento sonoro de um lugar, a turma pode criar uma série de paisagens sonoras captando os sons cotidianos dos diversos espaços do território e organizá-las em uma verdadeira cartografia sonora. Essa cartografia pode ainda virar uma série de podcasts ou um programa de rádio.

As paisagens sonoras podem vir intercaladas com entrevistas de moradores que contêm um pouco sobre a história daquele lugar, com pessoas que desenvolvam ofícios relacionados com algum tipo de produção sonora (cantores, músicos, luthiers, capoeiristas, comunidades de terreiro, mas também rezadeiras, serralheiros, mecânicos) onde os sons foram captados, ou ainda entrevistas curtas com diversos moradores contando sobre os sons que eles mais costumam ouvir naquela rua.



TRÊS BOAS REFERÊNCIAS SÃO:

- Os Mini Mapas Sonoros, da Braga Media Arts. Disponível em: https://www.braga-mediaarts.com/pt/projetos/detalhe/mini-mapa-sonoro/. Acesso em: 6 dez. 2021.
- CARTOGRAFIA DAS MEMÓRIAS. Disponível em: https://cartografi adasmemorias.org/. Acesso em: 6 dez. 2021.
- E o curta-metragem *A Clave dos Pregões*, que mostra uma cartografia sonora em processo. CARTOGRAFIA DAS MEMÓRIAS. Disponível em: https://cartografi adas-memorias.org/. Acesso em: 6 dez. 2021.

3. EXTRAPOLAÇÃO

A partir do que já se mapeou e registrou, extrapolar as descobertas é aprofundar a investigação nos assuntos que mais interessaram ao grupo. Imaginemos, por exemplo, que no mapeamento se descobriu um movimento de capoeira no bairro e muitos ficaram interessados em saber mais sobre isso. Na fase de registro, podem criar um cartão postal sobre o grupo de capoeira e, na extrapolação, os estudantes podem pesquisar mais a fundo sobre essa manifestação cultural.

A fase de extrapolação fomenta a criação de vínculos com o território e com as experiências que acontecem ali. Exercícios de extrapolação são os que de fato permitem a ampliação dos horizontes. São o arremate entre as descobertas do mapeamento, o reconhecimento inerente à fase de registro e a oportunidade de mergulhar um pouco mais fundo nesses elementos.

ENTREVISTA ESPELHADA:

A entrevista entra não tanto como exercício de estranhamento, o que já aconteceu nas outras fases, mas como exercício de aproximação. Continuando com o exemplo do movimento de capoeira, a entrevista nesta fase seria um meio não apenas de ouvir mais sobre essa prática brasileira que é Patrimônio Imaterial da Humanidade, mas de investigar como situações da vida do mestre de capoeira muito similares as vividas pelos alunos naquele bairro acabaram por fazer com que o mestre se envolvesse com essa prática; ou como essa prática ajuda a contar a história daqueles alunos também, ainda que eles nunca tenham participado de uma roda; ou ainda como as pessoas veem a capoeira e o que ela é de fato e a partir daí refletir sobre situações similares de preconceito a que capoeiristas e estudantes já tenham sido submetidos.

SUGESTÕES DE MATERIAIS: uma folha de papel em branco para os alunos anotarem as perguntas, um gravador de voz ou de vídeo para registrar a conversa, que poderá também ser registrada em papel na falta de dispositivos móveis.

METODOLOGIA:

1) **Cada aluno pode entrevistar uma pessoa** sobre um elemento importante que apareceu na fase de mapeamento e que ele tenha trabalhado no momento de registro, ou eles podem se organizar em grupos e eleger um assunto ou pessoa para essa entrevista. É interessante também que eles dividam as funções entre si: um pode cuidar do roteiro, outro do agendamento, outro pode ser o entrevistador, o câmera, o responsável por anotar ou por gravar, por exemplo.
2) **Os estudantes devem criar a pauta da entrevista**, anotando em um papel o que gostariam de saber sobre aquele assunto e sobre aquela pessoa. Importante reforçar que a atuação do professor é de mediar e instigar a curiosidade e não de definir a pauta por eles ou enunciar as perguntas. Os alunos devem criar perguntas fáceis e perguntas difíceis, não precisam ter medo de perguntar, mas devem questionar sobre coisas que realmente queiram saber e não o que acham que deveriam questionar. Ao mesmo tempo, é importante que essa lista de perguntas não seja muito longa para que os participantes não acabem cansados ou distraídos. E não é problema nenhum se durante a entrevista novas perguntas surgirem e alguma que estava listada for deixada de lado.
3) **Antes de agendar com o entrevistado**, os alunos devem responder a essas perguntas em um exercício de imaginar o que o convidado

responderia. Se forem gravar o áudio ou filmar a entrevista, essa é uma boa oportunidade para ensaiar e testar os equipamentos. As respostas dadas pelos estudantes devem ficar guardadas até depois da entrevista com o convidado.

4) **Os alunos, então, agendam com o entrevistado**, se apresentam, pedem autorização para registrar a entrevista, preparam o local. Eles devem ser gentis, mas curiosos, e devem se manter atentos durante toda a entrevista. É muito importante ter certeza de que gravadores, câmeras e anotadores estão registrando tudo.

5) **Depois da entrevista**, eles devem comparar as respostas dos entrevistados com as respostas imaginadas e, a partir dessa entrevista espelhada, conversar entre si sobre os pontos mais surpreendentes e interessantes, o que eles imaginaram e o que nunca imaginaram sobre o convidado e o que ele contou, e se a entrevista gerou ainda mais curiosidade sobre as práticas do entrevistado.

O QUE OUTROS PROFESSORES ANDAM FAZENDO:

DIA DE CORTEJO

Ana Laura Pompe é arte-educadora em uma organização da sociedade civil que atua na região do bairro Dom Bosco, em Minas Gerais. O bairro abriga uma comunidade quilombola, conhecida como Quilombo da Serrinha, mas essa parte da história do Dom Bosco sempre foi invisibilizada e as expressões ligadas à ancestralidade negra ainda sofrem profundamente com o preconceito.

Diversos alunos de Ana Laura são moradores do quilombo e seu entorno, mas encontram dificuldade em expressar isso na relação com os outros alunos. Como forma de promover visibilidade sobre essas narrativas, ela realizou um levantamento com as crianças sobre as tradições da comunidade que ajudam a contar a história do quilombo e a formação do bairro. Um dos grupos de cultura mapeados foi a Folia de Reis Estrela do Amanhã. A turma convidou, então, o Mestre Folião Papa para uma roda de conversa em que ele contou a história da folia e sua relação com o bairro.

Durante o mapeamento, várias crianças compartilharam sobre o medo que sentiam dos cortejos da folia, principalmente dos palhaços mascarados, figuras de destaque tradicionais da celebração no Dom Bosco, medo esse fruto do preconceito. Esse quadro começou a mudar depois das inúmeras perguntas que puderam fazer cara a cara para o Mestre Papa e da proximidade que a visita do folião gerou.

Para um mergulho ainda mais profundo, Ana Laura organizou uma

oficina com artesãos locais que criam a indumentária das folias para que eles ensinassem os alunos a produzirem suas próprias máscaras de palhaços da Folia de Reis. Com as mãos ocupadas, a imaginação viajou e a conversa entre artesãos e crianças sobre os personagens da folia, os cortejos e a celebração correu solta, mais parecia dia de cortejo.

OUTRAS ATIVIDADES DE EXTRAPOLAÇÃO:

• PESQUISAS

Pesquisas não precisam estar restritas apenas ao momento inicial de levantamento. Elas devem acontecer ao longo de todo o processo de investigação. A internet colocou um mundo inteirinho na palma da mão e os sites de pesquisas podem ser uma fonte riquíssima de informações, desde que a busca seja bem direcionada e fundamentada (cuidado com as *fake news*). Mas livros, bibliotecas e todo o conhecimento guardado nas memórias e oralidade de pessoas mais velhas abrem portas para novos universos.

É importante considerar que as atividades de pesquisa não são um meio para encontrar uma fonte única de informação, elas ajudam a diversificar as narrativas, tensionar as crenças pessoais e as histórias únicas, checar fatos e seguir ampliando os horizontes e repertórios. Dessa vez, não deixamos uma referência de exercício de pesquisa, mas uma reflexão sobre a importância da ampliação dos horizontes, propusemos o vídeo de Chimamanda Adichie, O perigo de uma única história.[5]

5 CHIMAMANDA Adichie: O perigo de uma única história. [S.I.: s.n.], 2009. 1 vídeo (18 min 33 s). Publicado pelo canal Ted: Ideas Worth Spreading. Disponível em: https://www.ted.como/talks/

• VISITAS

Quase todo território guarda um elemento simbólico para a cultura do lugar e a memória comunitária. Pode ser um museu, um prédio histórico, como pode ser uma pessoa detentora de um saber importante para contar a história daquela região. E nada como beber direto da fonte.

Depois das fases de mapeamento e registro, pense em possibilidades de visitas a esses espaços de cultura e eleja destinos juntamente com os alunos. Pode ser uma visita a um lugar, a uma pessoa, ou ainda a um evento, mas é importante que essa visita seja uma continuidade de um processo que já venha despertando o interesse da turma e não seja uma vivência isolada e aleatória. Quanto mais imersiva for a experiência da visita, mais vínculos os estudantes tenderão a criar com o elemento visitado.

É mirando nessa experiência imersiva que serão repensadas as maneiras e os espaços dos museus.

Sugerimos a visita aos sites do Museu da Beira da Linha do Coque e do Museu das Remoções.[6]

---

chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single story?language=pt-br#t-3756. Acesso em: 6 dez. 2021.

6 PONTO DE CULTURA ESPAÇO LIVRE DO COQUE. Museu da Beira da Linha do Coque. Disponível em: https://museudabeiradalinhadocoqueblog. wordpress.com/. Acesso em: 6 dez. 2021. MUSEU DAS REMOÇÕES. Disponível em: https://museudasremocoes.com/. Acesso em: 6 dez. 2021.

4. APROPRIAÇÃO

A apropriação, assim como os outros movimentos, vai acontecendo ao longo do processo. Contudo, para alimentar esse sentimento de pertencimento e o envolvimento afetivo dos participantes com os patrimônios explorados, é fundamental termos momentos e produtos de culminância que sejam memoráveis e sintetizem a experiência vivida, fortalecendo essa apropriação.

A apropriação acontece não apenas quando o estudante reconhece o que descobriu no percurso e como isso modificou algo nele, mas também, quando isso é reconhecido e compartilhado com a comunidade escolar. Quando sua produção é reconhecida por seus pais, professores, demais alunos e comunidade local, não só os estudantes saem fortalecidos, mas, muitas vezes, a percepção que esses atores têm a respeito dos estudantes e a respeito dos patrimônios locais também é modificada.

Essas experiências contribuem para a potencialização de uma educação mais integral e com foco na autonomia do estudante. São uma maneira de trazer conclusão para o percurso de investigação e de criar oportunidades para que os alunos partilhem suas descobertas e construções, agora como pertencentes aos elementos investigados.

Sugerimos para este momento a criação de produtos, como zines, jornalzinhos, podcasts, ou vídeos que narrem esse processo, suas descobertas, reflexões e conclusões, reunindo registros relevantes de todas as fases. É importante que eles sejam elaborados pelos próprios alunos como resultado de todo o percurso. É importante também prever um meio de compartilhamento desses produtos: os zines e jornalzinhos podem ser distribuídos de casa em casa, na porta da escola, na feira do bairro; os podcasts e vídeos podem circular nas redes sociais e aplicativos de mensagens dos alunos e da escola e assim ganhar outras redes (importante que não sejam muito longos).

Outra sugestão é a produção de um evento, como um festival de encerramento, aberto a toda a comunidade escolar e do entorno com exposição das produções de cada uma das fases. Fazedores de cultura locais também podem se apresentar, ou podem ser organizadas rodas de conversa com esses fazedores. É um momento bacana para uma feirinha de artesanato ou de culinária local.

O QUE OUTROS PROFESSORES ANDAM FAZENDO:

OUTRAS HISTÓRIAS DAS RUAS DE SANTO AMARO DAS BROTAS

Izabelle Mayse Costa, monitora da aula de artes no 4º ano, da Escola Municipal Manoel José da Cruz, em Santo Amaro das Brotas | SE, organizou um processo de investigação com seus alunos sobre os espaços no entorno da escola que ajudavam a contar a história de formação da comunidade e da própria cidade. A escola é circundada por ruas e casario antigo relevantes para essas narrativas, mas não há nenhuma ação do governo local de preservação desses bens. Por consequência, as construções estão se desfazendo com os efeitos da passagem do tempo e as memórias vão junto com elas.

Num exercício de levantamento sobre esses espaços, junto às histórias oficiais documentadas, vieram memórias da comunidade, versões da história que ficaram guardadas na oralidade. As ruas, por exemplo, têm um nome oficial emprestado de uma figura poderosa, mas no bairro todos conhecem essas mesmas ruas por nomes mais populares, batizados pela própria comunidade, que ajudam a contar outras histórias de como as coisas aconteciam por ali. Há também os espaços de cultura que não estão ligados a uma oficialidade, mas são símbolos importantes das experiências culturais que se dão naquele território.

Com levantamento feito como estratégia para gerar maior apropriação, surgiu a ideia de organizar uma rota turística por esses espaços, em que os próprios alunos seriam os guias e compartilhariam com o público as narrativas oficiais e aquelas contadas pelo povo do lugar, todas colhidas e registradas por eles. Os públicos seriam os familiares, alunos e trabalhadores da escola e a própria comunidade do entorno.

ORIGENS DO CABANA

Simone Aparecida dá aulas de teatro para adolescentes em uma organização da sociedade civil no aglomerado Cabana, em Belo Horizonte. A história da região é marcada pela luta por moradia das primeiras famílias que chegaram ali.

A turma de alunos que participa da oficina de teatro levantou quem são os membros dessas famílias que ali ainda vivem e parte da história de formação do Cabana que está documentada. Em seguida, selecionaram e entrevistaram alguns dos remanescentes e pediram para que eles narrassem sobre sua relação com a fundação e a história do aglomerado, por meio de um objeto de afeto que despertasse neles essas memórias. Com a permissão dos entrevistados, os alunos fizeram retratos desses moradores segurando esses objetos.

O plano é de que as narrativas das entrevistas sejam recontadas por meio de esquetes criadas e interpretadas pela turma. Os

retratos serão impressos e organizados em um mural. A turma vai produzir um evento de encerramento do processo convidando seus familiares, os entrevistados e a comunidade. O evento contará com a apresentação dos esquetes e uma exposição formada pelo mural de retratos e pelos objetos afetivos emprestados pelos moradores entrevistados. Para fechar, cada família convidada deverá trazer um prato para compartilhar feito com uma receita tradicional de família e o evento será encerrado com um banquete comunitário.

QUER SABER MAIS SOBRE A GENTE?

A equipe que elaborou este caderno faz parte da Agência de Iniciativas Cidadãs – AIC, organização da sociedade civil sediada em Belo Horizonte | MG que há quase 30 anos atua pelo fortalecimento de inciativas comunitárias, pelo acesso aos meios e recursos para produção cultural e pela democratização da comunicação.

O material foi desenvolvido no contexto do projeto Educação Patrimonial Participativa, que cria espaços para reflexão, qualificação e fortalecimento dos fazeres de comunidades escolares e agentes culturais voltados a salvaguarda e transmissão de patrimônios locais. Por meio de oportunidades formativas, fomenta ações colaborativas artísticas, de comunicação e mobilização social para o incremento da memória comunitária. O projeto integra o Programa Conexão Comunidade, focado em atividades que aliam educação e cultura para o desenvolvimento comunitário. Em 2021, o Educação Patrimonial Participativa desenvolveu o curso Se esse patrimônio fosse meu: educação patrimonial e pertencimento junto a 100

educadores das redes públicas de ensino de diferentes estados do país e de organizações da sociedade civil voltadas à educação e ao fortalecimento de vínculos e, como extensão das ações do curso, o projeto envolveu 2000 estudantes dessas redes na ação Laboratório de cultura e design colaborativo.

No site do programa Conexão Comunidade, você encontrará uma diversidade de produções que podem dar suporte à proposição de outros exercícios no caminho de investigação do patrimônio cultural. Destacamos aqui o **Diário do Explorador (Anos Iniciais e Anos Finais)** e a série de videoaulas bem curtinhas **Se esse patrimônio fosse meu**.

O Diário do Explorador é um caderno de atividades desenvolvido para estimular estudantes do 4º ao 9º ano a embarcarem nessa investigação sobre seu próprio patrimônio. As versões para fundamental 1 e 2 estão disponíveis para download gratuito.

A série Se esse patrimônio fosse meu é composta por 8 videoaulas sobre técnicas artísticas e de comunicação de baixo custo. Os alunos podem fazer sozinhos em casa ou reunidos com toda a turma. Cada técnica desemboca em uma arte que revela um pouquinho sobre o artista, os lugares, as memórias e as pessoas que ele leva consigo. A série inteirinha também está disponível online, aberta, acessível e gratuitamente.

Você encontra as versões do Diário do Explorador e os vídeos da série Se esse patrimônio fosse meu em: educacaopatrimonial.conexaocomunidade.org.br

E para saber mais sobre o Conexão Comunidade é só acessar: conexaocomunidade.org.br

CURSO SE ESSE PATRIMÔNIO FOSSE MEU

O QUE OS PARTICIPANTES ESTÃO DIZENDO

"O curso trouxe para mim o desejo de escrever livros que ensinam as crianças sobre o que é patrimônio, porque muitas vezes os próprios educadores não estão preparados para trabalhar o tema no ambiente escolar." (Roberta Rocha - Coronel Fabriciano | MG)

"Minha maneira de pensar sobre educação patrimonial mudou completamente.E eu adorei os textos e videoaulas, eles foram muito esclarecedores e aumentaram meu interesse sobre educação patrimonial, pensada agora de forma mais participativa e inclusiva." (Fernanda Fonseca – Campos dos Goytacazes | RJ)

“Em minha opinião, dos cursos que já participei, esse foi o que trabalhou mais próximo a realidade dos alunos. Superou minhas expectativas! Quero mais.” (Eva de Fátima - Buenópolis | MG)

“Dentre as muitas atividades propostas, amei escrever a história do meu quintal. Revivi grandes lembranças, que na infância pareciam algo banal e que só agora, ao recordar, percebi a preciosidade. Li para minhas filhas e elas disseram: ‘Tempo bom que você passou na infância!’. Esse curso veio abrir nossas mentes para vivenciar o que jamais pode ser esquecido. Este patrimônio é meu, ou melhor, nosso.” (Marlet silva – Joaquim Felício | MG)

“Fiquei impressionada com a alegria e o entusiasmo dos alunos em fazer as atividades do diário. Porque eram atividades extras que eles poderiam fazer ou não, e houve o compromisso espontâneo.” (Conceição Lima – Pedro Leopoldo | MG)

“O material de apoio é incrível! Ele foi fundamental para auxiliar os alunos nesse mergulho da memória, da história pessoal de cada um, bem como do bairro, além de

estimular a valorização do território.” (Rojefferson da Silva – Manaus | AM)

“O curso foi muito interessante. Um novo olhar sobre o patrimônio foi apresentado partindo de uma nova didática, o que deixou a prática encantadora.” (Aracele Souza - Buenópolis | MG)

“O carinho com que fomos tratados, a atenção e orientação foram incríveis. Todo o processo de descoberta dos meus alunos é algo que acrescentou em minha vida e levarei sempre comigo. Me encontrei como educadora e me encantei com o processo de aprendizagem que registrei das crianças.” (Izabelle Mayse - Santo Amaro das Brotas | SE).

O Projeto Educação Patrimonial Participativa, número de Pronac: 193894, é executado pela Agência de Iniciativas Cidadãs, patrocinado pela VLI e realizado com recursos da Lei de Incentivo à Cultura da Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

SOBRE A VLI

A VLI é uma empresa de logística que opera duas ferrovias: a Centro-Atlântica e a Norte-Sul. Elas se integram a portos e terminais. Além da sua cidade, ela também está presente em mais de trezentos municípios e dez estados brasileiros. Muita coisa, não é mesmo?

Pelas ferrovias e terminais da VLI passam produtos agrícolas como grãos (milho, soja e farelo de soja), açúcar e fertilizantes, produtos siderúrgicos e industrializados.

Para isso, a VLI conta com mais de 8 mil quilômetros de linha férrea, oitocentas locomotivas, 24 mil vagões, três portos, oito terminais e quase 8 mil funcionários para cuidar disso tudo.

A VLI tem paixão por transformar a logística do Brasil e acredita que isso só é possível em parceria com as comunidades que convivem com as suas operações. Por isso, viabiliza iniciativas como o Conexão Comunidade. Para saber mais sobre a VLI, acesse www.vli-logistica.com.br, ligue para o Alô VLI: 0800-022-1211 ou envie uma mensagen no Whatsapp: (31) 98308-5538.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura, Educação e Interação: observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torná-las educativas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues *et al.* (Org.). *O difícil espelho*: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos.* Brasília, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_%20m.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Patrimônio Mundial Cultural e Natural*. Brasília, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29. Acesso em: 26 abr. 2021.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. *Para Onde? Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 154 - 161, ago. / dez., 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/61589. Acesso em: 15 jun. 2021.

RODRIGUES JUNIOR, Luiz Rufino. Pedagogias das encruzilhadas. *Revista Periferia: Educação, Cultura e Comunicação*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 71-88, jan.-jun. 2018. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504/24540. Acesso em: 16 abr. 2021.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. *Geographia*: *Revista da Pós-Graduação em Geografia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-13, set. 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.